



TECENDO PRÁTICAS EDUCATIVAS: O USO DE RECURSOS AUDIOVISUAIS E OUTRAS METODOLOGIAS NA SALA DE AULA

Viviane Carneiro de Oliveira; Lorrane Rangel Agra Lopes

Universidade Federal de Campina Grande
viviihistory@gmail.com, lorranerangelagralopes@gmail.

RESUMO : A educação na atualidade vive em um contexto de crise em todos os seus âmbitos, tanto na educação básica quanto na educação superior, seja pela falta de incentivo salarial do professor, pela falta de investimento dos governos na hora de proporcionar os recursos necessários para que o professor possa realizar uma aula que vai além da simples exposição do conteúdo, ou pela evasão escolar do aluno, que se justifica tanto pelo desinteresse como pela falta de oportunidade de estar na escola. No entanto, percebemos o ambiente escolar enquanto um espaço de transformação (palavra esta que diverge de salvação), dos indivíduos, e porque não da sociedade? Nesta perspectiva, através das atividades desenvolvidas nas áreas de ensino, pesquisa e extensão, pelo Programa de Educação Tutorial- PET, veiculado ao curso de História, foi possível obter a experiência do que é produzir um material e aplica-lo em sala de aula, os Cadernos Didáticos do ENEM, experiência valiosa para os petianos, uma vez que aprende-se a elaborar um material didático ainda na graduação . Nesse material elaborado buscamos além da utilização de textos, enriquecê-lo com imagens que facilitem para o aluno o conteúdo abordado, tendo em vista a importância do visual na aprendizagem, algo que pode ser mostrado também por meio de vídeos que retratem a temática abordada. Assim, propomos no presente artigo analisar a importância de fontes alternativas no ensino da História, compreendendo as suas diferentes inserções nas correntes teóricas e analisando algumas das fontes e suas metodologias, bem como as suas aplicações na rotina escolar da educação básica.

Palavras-chave : História, Metodologia de ensino, Práticas educativas.

INTRODUÇÃO

A proposta deste artigo surge, a partir, de uma das atividades realizadas pelo Programa de Educação Tutorial- PET, veiculado ao curso de licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande-UFCG. O PET-História é fundado em 2009, por meio da aprovação do Ministério da Educação/SESU. O programa tem como objetivo desenvolver atividades que envolvam a tríade universitária: ensino, pesquisa e extensão, aperfeiçoando a formação acadêmica do curso de licenciatura em história.



O grupo é composto por um tutor, professor da Unidade Acadêmica de História, que coordena atualmente dezessete estudantes, sendo doze estudantes bolsistas e cinco voluntários. A proposta do projeto busca ir além do próprio grupo, atuando também em parceria com outros âmbitos acadêmicos, seja em parceria com, o Centro Acadêmico, com o Programa de Pós Graduação em História da UFCG, com outros cursos e instituições de ensino superior, e até mesmo escolas estaduais, arquivos públicos, e outras instituições que não sejam necessariamente acadêmicas.

Dentre as diversas atividades realizadas pelo PET ao longo do ano, no presente artigo, destaca-se a produção dos Cadernos didáticos. Esta atividade de pesquisa teve início em 2010, como o material é produzido pelos próprios petianos, inicialmente, realizamos reuniões para a definição dos grupos, da temática, da metodologia e teoria. Desta vez especificamente, cada integrante desenvolveu um texto individualmente, visto que, além dos Cadernos Didáticos, voltados para a aplicação no último ano da educação básica, para auxiliar os estudantes no exame de acesso a educação superior (o ENEM), também foram elaborados Cadernos Didáticos especificamente para a escola quilombola e a escola do campo.

O processo de elaboração desse caderno se baseia nas diretrizes propostas pelo edital do Exame Nacional do Ensino Médio- ENEM. Como são seis competências e habilidades contempladas por esta prova, seis petianos ficam responsáveis por cada uma dessas competências, com livre escolha dos temas, desde que sejam compatíveis com as áreas temáticas da prova de Ciências Humanas. Feita a escolha dos temas, é realizado a pesquisa individual que vai ser a base da elaboração do Caderno Didático. Ao fim da escrita e das avaliações do tutor, o trabalho é socializado com o grupo, com o intuito de realizar uma discussão coletiva com críticas e sugestões sobre o que foi produzido para cada uma das competências.

Um segundo momento ocorre através da atividade de extensão, quando os petianos põe em prática o trabalho que já viram



desenvolvido. Realizamos parcerias com duas escolas públicas, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dom Luiz Gonzaga Fernandes e a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Major Veneziano, localizadas no bairro das Malvinas e Catingueira, respectivamente, no município de Campina Grande-PB. Essa atividade é direcionada para as turmas de terceiro ano do ensino médio, que irão concorrer no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM. Desde o ano de 2010, firmamos nossa primeira parceria escolar, com a E.E.E.F.M Dom Luiz Gonzaga Fernandes, parceria que vinha sendo realizada com as turmas de 3º ano, e as vezes com o 2º geralmente uma aula por turma.

Este ano estamos ministrando a nossa oficina aos 3º anos do ensino médio, em turmas no turno da manhã e da tarde, em ambas as escolas. Possuímos duas aulas por semana, sendo destinadas 2 semanas para cada competência no Dom Luiz Gonzaga Fernandes, e na escola Major Veneziano, apenas uma semana. No Dom Luiz a turma da manhã possui 33 alunos e a da tarde 11 alunos, enquanto que no Major Veneziano a turma da manhã possui 43 alunos e a tarde 33 alunos. Fiamos responsáveis por elaborar textos sobre a Competência 1 e a Competência 3 do ENEM que se refere respectivamente à “Compreender os elementos culturais que constituem as identidades” e a “Compreender a produção e o papel histórico das instituições sociais, políticas e econômicas, associando-as aos diferentes grupos, conflitos e movimentos sociais”.

Assim, a elaboração desse trabalho surgiu, a partir, das nossas experiências enquanto petianas, atuando nas escolas estaduais de educação básica e produzindo os Cadernos Didáticos. O objetivo deste artigo é compreender a partir das Competências 1 e 3, dos Cadernos Didáticos, a importância de fontes alternativas no ensino da História como imagens, vídeos e músicas, porém, não apenas utilizando-as como um recurso ilustrativo, mas inserindo essas fontes nos seus contextos de produções, recepções e intencionalidade, para que assim o aluno consiga compreender e ressignificar, o conteúdo que lhe é transmitido. Tendo em vista que a escola é um espaço de conhecimento, onde pode e devem ser

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



discutidos assuntos e questões do presente. Destacamos a importância para a formação do professor a elaboração de um material didático, de forma que ele consiga fugir de uma história dita positivista, e consiga transmitir o conteúdo moldando a realidade do aluno, trazendo também questões em ênfase na atualidade.

Assim, na Competência I trabalhamos com os alunos as Civilizações Maias, Astecas e Incas, relacionando essas culturas entre si e com os conceitos de resistência sub-reptícia e alteridade. A escolha desse tema partiu do interesse e da possibilidade de trabalhar nesta competência as culturas mesoamericanas, como também da crescente exposição na mídia do conceito de alteridade, visto que, as relações entre “o eu e o outro” são questões presentes tanto no passado, quanto na atualidade. Já na Competência 3, tivemos como temática o movimento dos trabalhadores do campo, em que buscamos compreender as questões agrárias que envolvem o Brasil, a partir da organização e atuação dos trabalhadores rurais, nas suas lutas por direitos políticos e sociais, em um contexto de os de avanço e retrocesso ao longo dos anos.

METODOLOGIA

Ao elaborar a Competência I, buscamos fundamentação teórica em alguns conceitos: o de Cultura, de Peter Burke e o de Representação, de Roger Chartier. Do primeiro, destacamos a importância da abordagem interna presente na renovação da própria História Cultural:

Como uma reação às tentativas anteriores de estudar o passado que deixavam de fora algo ao mesmo tempo difícil e importante de se compreender. De acordo com esse ponto de vista, o historiador cultural abarca artes do passado que outros historiadores não conseguem alcançar. A ênfase em “culturas” inteiras oferece uma saída para a atual fragmentação da disciplina em especialistas de história de população, diplomacia, mulheres, ideias, negócios, guerra e assim por diante. (BURKE. 2005. P. 9)

Assim, de acordo com Peter Burke, um dos objetivos da História Cultural é justamente em entender esse passado não estudando antes,
(83) 3322.3222
contato@coprecis.com.br



pelos historiadores sociais, econômicos ou políticos. O passado cultural é um passado repleto de símbolos, muitas vezes de difíceis interpretações ou que até hoje em dia não foram decifrados, a exemplo dos Códices Maias, importantes instrumentos de informações sobre os conhecimentos científicos e os fatos históricos alguns ainda indecifrados e a grande maioria destruída pelos conquistadores espanhóis. Restam apenas três códices, em Dresden, na Alemanha; em Madri, na Espanha; e em Paris, na França. Ou seja, além de lidarmos com o problema da decifração dos símbolos, ainda tem o problema de fontes escassas, no caso das civilizações mesoamericanas. Contudo, é importante o esforço do historiador de sempre buscar entender esse passado, muito embora que segundo Burke, exista uma confusão sobre o que é de fato a História Cultural e que esse conceito passou por diversas redefinições ao longo da História. No presente artigo, consideramos importante também a cultura cotidiana, ou seja, costumes, valores e modos de vida, em outras palavras: uma aproximação da definição de cultura dos antropólogos.

Por outro lado, analisando o conceito representação de Roger Chartier, “não existem práticas ou estruturas que não sejam produzidas pelas representações” (CHARTIER, 1991, p. 177). Assim, a partir da representação imagética, o leitor acaba por participar da construção do sentido e da historicidade ao longo das aulas. Contudo, é preciso cuidado quando se fala das representações sejam elas imagéticas ou não, porque se tratando das civilizações mesoamericanas muitas vezes as fontes relatam apenas um dos lados da História, a visão dos europeus sobre os indígenas. Infelizmente fontes que mostrem o contrário são mais difíceis de serem encontradas, vistos os poucos registros existentes, porém, uma nova redefinição do lado dos “vencedores” da História costuma ajudar bastante nesse sentido, o que fica claro ao analisarmos nas aulas o conceito de resistência sub-reptícia. Esta significa que por meio do silêncio, a língua, a bebida, a preguiça e teimosia, os nativos encontraram formas para não se submeterem totalmente ao domínio dos espanhóis e continuarem cultuando os seus deuses e costumes, ou seja, estamos

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



falando de uma resistência a longo prazo, por vezes “invisível” mas que foi a mais forte e que mais frustrou os espanhóis ao longo dos anos.

Já na Competência 3, a escolha feita por nos consiste no uso da História Social Inglesa, utilizando o conceito de classe, experiência e resistência. Contextualizamos as lutas sociais dos trabalhadores rurais ao longo da história do Brasil, desde o Brasil Colônia as lutas atuais do MST, na tentativa de construir uma história temática, em que o agricultor, o “homem comum”, passa ter ênfase na história. Nesta perspectiva, compreendemos a classe social, não como uma estrutura ou algo formado para além dos trabalhadores, mas que estes próprios sujeitos a formam através das suas experiências e assim, por ela são formados, ou seja, a classe como fenómeno histórico está formada quando existe uma consciência de classe (VITORINO, 1998, p. 172). Assim, ao longo desta competência é analisado o processo em que os trabalhadores rurais tomam consciência de classe.

Na análise teórica, as duas competências se diferem, visto que, a Competência 1 optou por utilizar conceitos ligados a História Cultural, e a Competência 3, por utilizar conceitos da corrente teórica da História Cultural Inglesa. No entanto, mesmo diferindo teoricamente, se assemelham metodologicamente, visto que as duas vertentes teóricas possibilitam o uso diverso de fontes, seja na perspectiva de trazer a história os “vistos de baixo” ou de trazer reflexões culturais a história, de culturas que outrora não ficavam a cargo da disciplina histórica. Assim, passamos o conteúdo proposto através do uso de meios alternativos a história, como imagens, vídeos e músicas. Destaca-se que o campo imagético esta inserido no cotidiano dos alunos, desta forma a utilização destes recursos em sala de aula, faz com que o aluno demonstre mais interesse pelo conteúdo que está sendo ministrado. Porém, cabe ao professor, não só apresentar tais recursos, mas fazer com que eles sejam “trabalhados”. Como afirma Bittencourt, fazer os alunos refletirem sobre as imagens que lhe são postas diante dos olhos é uma das tarefas urgentes das escolas e cabe ao professor criar as oportunidades.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



O uso de imagem está sempre presente nos livros didáticos, nas escolas, na atualidade também são utilizados recursos que possibilitam ao aluno, novas formas de compreensão do conteúdo, como por exemplo, através do recurso visual. Porém, o papel do professor consiste em “dar vida” a este material, visto que o mesmo não pode ser utilizado apenas como uma ilustração. Conforme, afirma Bittencourt, o historiador deve refletir sobre que questionamento histórico a fotografia (ou imagem) produz?. Na perspectiva desta autora na qual adotamos, o historiador/professor deve ser seletivo na quantidade de imagens escolhidas, visto que é necessário selecionar as imagens que mais impactam e se relacionam com o conteúdo, para que assim os alunos possam questionar e produzir suas próprias subjetividades acerca do que lhe é ministrado. A análise da imagem se assemelha a de qualquer outro documento histórico é necessário analisá-la externamente e internamente, ou seja, o contexto de sua produção e os elementos que compõem a imagem. Outro aspecto a se destacar é que a fotografia, quando utilizada não pode ser vista como a reprodução do real, mas sim como uma das representações.

A utilização de vídeos no ensino também torna a aula mais atrativa e o professor tem um papel fundamental na forma que apresenta essa ferramenta, de maneira que o aluno perceba claramente que o vídeo só acrescenta ao seu aprendizado favorecendo a dinâmica da aula. Das diversas formas de se utilizar o vídeo no ensino, destacamos aqui o pensamento de José Manuel Moran, onde ele afirma que o vídeo pode ser visto como conteúdo de ensino, ilustração ou como sensibilização. Este último é considerado a forma mais importante de se entender um vídeo e significa, de acordo com Moran:

É, do nosso ponto de vista, o uso mais importante na escola. Um bom vídeo é interessantíssimo para introduzir um novo assunto, para despertar a curiosidade, a motivação para novos temas. Isso facilitará o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do vídeo e da matéria. (MORAN, 2005, p. 4)



Por meio de vídeos o aluno tem a possibilidade de se aproximar mais diretamente do conteúdo. Infelizmente, muitos ainda possuem a percepção de que quando o professor decide passar algum vídeo, seja de documentário ou filme, não é algo tão importante quanto uma aula expositiva. Por isso, torna-se imprescindível que o professor saiba trabalhar corretamente essa ferramenta, fazendo sempre analogias ao que se está sendo estudado. Assim, nas aulas que foram ministradas utilizou-se dois vídeos: um documentário intitulado “Deuses Astecas” e um vídeo curto intitulado “Cultura e Alteridade – Viagens de Clio”, ambos disponíveis no YouTube. Ao fim, os alunos realizaram outra atividade escrita, relacionando o que foi apreendido com a aula e o que foi visto nos vídeos, além disso, o documentário também foi utilizado para demonstrar visualmente partes específicas do assunto, principalmente àquelas relacionada a religião dos Astecas, a qual é o objetivo principal do documentário.

Por fim, também utilizamos a música como recurso na exposição da Competência 3. A escolha foi da música “Funeral de Lavrador”, musicada por Chico Buarque. No entanto visto que, trabalhamos as lutas por direitos trabalhistas no campo, e sabemos através do texto produzido que o trabalhador no processo de modernização do campo, perde suas terras arrendadas, nos auxilia na compreensão da luta social que a música busca retratar. No entanto, a letra foi escrita por João Cabral de Melo e Neto, fazendo parte do seu aclamado poema “Morte e vida Severina”, no ano de 1955, porém, dez anos depois, em 1965, em um contexto de ditadura militar e aumento das tensões no campo, a letra ganha a melodia de Chico Buarque, a pedidos do grupo de Teatro da Universidade Católica de São Paulo.

A incorporação da linguagem musical ao ensino de História reclama do professor e do aluno uma percepção mais consciente da canção popular. Trata-se de uma fonte de pesquisa, onde a forma e o conteúdo integram-se como força de expressão, como referencial de manifestação e comunicação. Desvelam-se contextos, tempos e espaços, na voz do compositor, microfone do povo, de um determinado povo, em determinada condição. São emoções, aspirações,
contato@coprecis.com.br



sonhos, alegrias, frustrações que ganham cor e sentido a partir de expectativas comuns. É o diálogo entre palco e plateia : nas linhas da emoção, como a desilusão amorosa, o desejo, a saudade, a paixão; nos valores políticos, sociais e morais; e nas reivindicações de larga abrangência dos direitos sociais. (DAVID)

Com o uso de imagens, vídeos e músicas, a aula flui de forma mais interessante, principalmente quando (no caso dos vídeos), o professor busca mostrar partes selecionadas e não o vídeo inteiro como forma de introduzir ou explicitar determinada parte do assunto. Com essa mudança de perspectiva, o aluno é mais facilmente atraído pela aula, devido a essa nova abordagem. Entretanto, como já enfatizado anteriormente, essas construções audiovisuais só ganham sentido a partir do momento que o professor explica os seus significados. Isso é importante porque devemos considerar que ensinar história não é simplesmente reproduzir um conhecimento tal qual está no livro didático, mas também é mostrar a visão histórica do professor, ou seja, a sua representação de determinados conteúdos. Esses materiais facilitam a compreensão de aluno e professor, de como determinadas sociedades se configuraram no tempo e no espaço.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao trazer a Competência I para a sala de aula, percebemos uma lacuna de conhecimentos adquiridos sobre o tema, seja, sobre as três civilizações abordadas ou os dois conceitos. Contudo ao longo das aulas das duas competências, as turmas se mostraram participativas e interessadas em aprender, interagindo sempre ao longo da aula. Para não tornar a aula cansativa somente com a exposição dos conteúdos, buscamos trazer imagens que representam o passado e, intercalamos com documentários e vídeos curtos, como forma de explicitar melhor o assunto e de tornar a aula atrativa para os alunos. A partir dessa mudança dos recursos metodológicos, percebemos que a aula flui não só de forma mais interessante, mas também de maneira mais leve tanto para

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



os alunos quanto para o professor. É importante que os professores busquem novas formas de passar o conteúdo, tentando sair do “mais do mesmo” porque assim alunos sentem-se instigados em conhecer mais a fundo o tema proposto.

Junto com a elaboração dos Cadernos e das aulas, contamos ainda com a realização de atividades com os alunos. Uma delas foi sobre a Competência I, onde eles respondem à seguinte pergunta “Você tem alteridade?” após a explicação e debate sobre esse conceito, relacionando-o com o conteúdo passado. Dentre as respostas, duas se destacaram:

Aluno 1: “Bom, depende da pessoa. Uma situação que para mim é alteridade é ajudar o próximo se colocando em determinada situação, ou seja, sentir na pele o que o outro passa”.

Aluno 2: “Sim, pois tenho qualidades e também na sociedade tenho uma relação de interação e dependência com o outro, ou seja, em determinada situação me coloco no lugar da pessoa. Exemplo: não seria igual o Europeu que destruiu diversas civilizações e suas culturas, iria me adaptar às culturas dessa civilização, com costumes e sociedades próprias”.

Na Competência 3, a atividade proposta, foi anterior a explicação do conteúdo, para que assim, o professor após o fim de sua atividade pudesse comparar e avaliar o seu trabalho, através da comparação entre as concepções prévias dos alunos, e a elaboração do texto final sobre o conteúdo ministrado. Foi pedido aos discentes que utilizassem uma folha em branco e a partir da sentença “Movimentos dos Trabalhadores Rurais” eles escrevessem livremente. Na Competência 3, os alunos devido a palestras anteriores se mostraram mais familiarizados com a temática dos movimentos sociais do campo, porém possuíam uma visão superficial do que seriam movimentos sociais, como podemos perceber através das seguintes respostas dada por dois alunos:

Aluno 1: “São Famílias que conseguem a terra por meio de luta e da organização dos trabalhadores rurais”



Aluno2: “Movimento dos trabalhadores rurais são pessoas que fazem protestos para conquistarem terras com lutas e organização.”

Assim, o objetivo maior da Competência I, que buscava possibilitar no aluno a compreensão os elementos culturais que constituem as identidades, relacionando culturas com resistências e alteridade ao final das aulas, foi de fato, alcançado. Percebe-se que os alunos conseguiram compreender claramente o que foi proposto. A competência 3, no entanto, ainda está no processo de aplicação, não podendo ainda apresentar os resultados finais, mas percebe-se a mudança da concepção dos alunos em meio aos questionamentos postos em sala de aula.

Elaborar os Cadernos Didáticos acrescentou bastante na nossa formação como professoras, pois vivenciamos situações, em que precisamos pôr em prática os conteúdos estudados por nós enquanto alunas de uma instituição de ensino superior, e assim transmitimos de forma mais lúdica e próxima da realidade em que os alunos da educação básica se encontram. Porém buscando fugir de generalizações ou numa linguagem academicista, por isso, é um trabalho que exige bastante atenção por parte do professor elaborador, mas que garante a autonomia do mesmo em todas as fases do ensino, desde a elaboração até à aula propriamente dita.

CONCLUSÃO

Podemos concluir que a partir da diversificação das fontes utilizadas, os alunos se mostraram mais interessados em aprender, principalmente porque, seja por meio de imagem, vídeo ou música, foi forma de aproximar o aluno do assunto, tornando o conteúdo mais fácil de ser compreendido. Hoje em dia não cabe mais falarmos de uma educação baseada apenas em aulas expositivas, tendo em vista o próprio desenvolvimento da tecnologia, que permite ao aluno alcançar fontes em minutos, em que outrora só podiam ser acessadas através de idas a arquivos e bibliotecas. Estamos falando aqui de documentos históricos, pinturas ou qualquer representação do passado, que em sua maioria

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

www.coprecis.com.br



podem ser acessados em diversos sites e que, sem dúvida nenhuma, tornaria a aula mais rica e proveitosa tanto para o aluno quanto para o professor.

A educação na sociedade em que vivemos, ainda é um dos principais meios para alcançar melhores condições de vida, ou seja, sair de uma condição para outra melhor. Infelizmente, ela não é algo transmitida igualmente para todos, visto que as classes baixas possuem dificuldades no acesso e lidam com a precarização da educação. A escola, vista como um todo, passa por uma crise, em meio a péssimas estruturas físicas, salários baixos e falta de profissionais, os alunos tornam-se cada vez mais desinteressados em aprender, classes superlotadas, professores cada vez mais desacreditados no próprio ensino. Neste sentido, devemos propor novos modelos, novas perspectivas para educação, que motivem o aluno e engajem toda a escola. O uso de novas ferramentas não vem no intuito de salvar a educação, mas sim de propor novos estímulos e dinamizar o ambiente escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉ, Carminda Mendes. **O lugar do professor na pós-modernidade**. Educação em Revista Marília, v.9, n.2, p. 37-50, jul.-dez. 2008. defendida na Universidade Estadual da Paraíba, 2013, 33p.

BITTENCOURT, Circe (Org.). **O Saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Trad. Sergio Goes de Paula. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2005.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos avançados, São Paulo, vol.5 n.11 Jan./Abr. 1991.

DAVID, Célia Maria. **Música e ensino de História: uma proposta**. Conteúdos e didática de História. Unesp.



MORAN, José Manuel. **O vídeo na sala de aula**. Artigo publicado na revista Comunicação e Educação. São Paulo, ECA–Ed. Moderna, 1995.

Módulo ENEM, PET História. Cadernos Didáticos PET História UFCG. Ano IV, vol.1, nº1, jul-dez 2017.

VITORINO, Artur José Renda. **Notas sobre a teoria da formação de classe de E. P. Thompson**. História Social, 1997, n.4/5.

QUEIROZ, Mônica Amâncio do Nascimento. **O uso de vídeos como recursos das novas tecnologias em diversas situações de aprendizagem nas aulas de história**. Monografia defendida na Universidade Estadual da Paraíba, 2013, 33p.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP.

Edital do Exame Nacional do Ensino Médio. Ministério da Educação, 2016. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/edital/2016/edital_ene_m_2016.pdf>. Acesso em 13 de agosto de 2017.

NETO, João Cabral de Melo. HOLLANDA, Chico Buarque. 1966. **Funeral de um Lavrador** – Chico Buarque. Morte e Vida Severina, Philips Records. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/chico-buarque/45132/>>. Acesso em 13 de agosto de 2017.

HISTORY. **Deuses Astecas**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XEJuO4fd1b0>>. Acesso em 13 de agosto de 2017.

IVO, Pedro. **Cultura e Alteridade**. Viagens de Clio. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e6yvczKRx4k>>. Acesso em 13 de agosto de 2017.